

RETRATO
DE *Fôrô*
UM *

RETRATO DE UM FORRÓ

Roteiro para curta-metragem documentário

De Gabriella Ambrósio

2021

Resumo do Documentário

Durante o São João, Caruaru pulsa com a voz e firmeza dos músicos e forrozeiros da Capital do Forró. O encerramento da festividade desmonta a grandiosa estrutura da festa, faz desabar a premissa de que cidade respira forró. O Bar da Lúcia, localizado na Rua Alferes Jorge, resiste com a tradição do forró o ano todo. O espaço pequeno é afetivamente recheado com fotos de clientes, quadros com lembranças e referências musicais. Administrado por Dona Lúcia e seus filhos, Pollyanna e Natan Lima, o bar representa a cultura popular em sua essência afetiva, coletiva e de resistência. Por meio de entrevistas, imagens de arquivo e ações cotidianas, o curta-documentário Retrato de um forró apresentará o contexto histórico e social do Bar da Lúcia e sua importância para a cidade de Caruaru.

Justificativa

A cidade de Caruaru, no Agreste de Pernambuco, é conhecida por ter o “Maior e Melhor São João do Mundo”. Durante o mês de junho é possível escutar forró em vários locais da cidade: na estação ferroviária, nos palhoções nos bairros, no Alto do Moura e até nas lojas do centro da cidade. Entretanto, quando se termina o período junino, o forró perde o seu fôlego.

Em pesquisa realizada para este trabalho foram recolhidos apenas seis nomes de estabelecimentos nos quais o forró resiste durante os meses que antecedem e precedem o São João. Um deles é o Bar de Lúcia, localizado no bairro Indianópolis.

Com o microfone aberto todos os dias, para quem quiser chegar com o seu instrumento e sua voz, o Bar de Lúcia é da cultura popular. A 23 anos está resgatando o legítimo forró pé de serra enquanto os clientes degustam das comidas típicas do cardápio que Dona Lúcia e sua família oferecem.

O forró tem grande apelo afetivo para a cultura nordestina além de grande importância como parte dessa identidade construída ao longo do tempo. É por isso que é necessária a documentação desses locais onde a cultura ainda resiste. Por meio de levantamento de dados e pesquisa etnográfica, o objetivo deste trabalho é produzir um filme documentário apresentando o contexto histórico e social do Bar da Lúcia e sua importância cultural para Caruaru. Fazer esse trabalho de pesquisa e de realização audiovisual também é uma forma de resistência e de manter viva essa cultura.

Proposta Narrativa e Estética

Retrato de um forró apresenta o Bar da Lúcia, um lugar além do tempo, como uma fenda que te transporta para outra época onde os sanfoneiros faziam fila para tocar e os casais dançavam até "torar" a chinela.

A narrativa de *Retrato de um forró* vem de uma perspectiva pessoal de busca pelo forró na Capital do Forró. O silêncio que fica na cidade pós-São João representa o vazio que eu sentia quando não sabia da existência do Bar da Lúcia e a possibilidade de viver o forró no meu cotidiano além do período junino. Com a descoberta do Bar da Lúcia, passei a ir até lá quase todos os sábados, de bicicleta, no sol quente do início da tarde, na certeza de que iria passar a tarde muito bem.

Se trata de um curta-documentário de caráter participativo onde a equipe se coloca em cena para se mostrar toda a afetividade e espontaneidade que envolve o calor do forró. A atmosfera do Bar da Lúcia é criada pelos anfitriões, Dona Lúcia e seus filhos, e os artistas de longa data que veem na câmera uma oportunidade de contar os seus causos e apresentar a sua arte.

Quem vai ao bar da Lúcia busca poesia, acolhimento de pessoas queridas, comida caseira preparada com afeto, cerveja gelada para lavar o calor da cachaça, do espaço pequeno, da dança e do xote, baião, xaxado, mazurca, coco. Um retrato de um forró pesado de identificação nordestina tal qual Luiz Gonzaga cantava. "É por isso que Caruaru é a capital do forró".

Perfil dos personagens

Dona Lúcia (Marluce de Lima Dias)

74 anos. Dona Lúcia é muito animada e realmente uma mãe para todos. Mora no mesmo local desde que nasceu e fundou na garagem de casa o bar com o seu ex-esposo para auxiliar nas despesas da família. Hoje, disse que se aposentou deixou o bar para os filhos, mas hora ou outra aparece por lá para cantar e aproveitar a festa que tanto gosta.

J Lima (José Joaquim de Lima)

70 anos. J Lima ou Seu Zé para os íntimos. É irmão de Dona Lúcia e atualmente moram juntos na mesma casa. Sua trajetória de vida se confunde com sua trajetória musical. Já foi carnavalesco na época das escolas de samba de Caruaru, foi sanfoneiro e vocalista de trios de forró e compôs mais de 100 músicas, segundo ele. Hoje, aposentado, se apresenta sempre que possível no Bar da Lúcia.

Natan de Lima Dias

33 anos. Natan é a voz do Bar da Lúcia. Filho mais novo de Dona Lúcia, administra o bar ao lado de sua irmã Polly e comanda o microfone com sua voz potente e seu repertório cheio de clássicos do forró. Possui uma coleção de discos de vinil raros de Luiz Gonzaga. Diz ter superado a depressão através da música.

Arachelly Pollyanna de Lima Dias

35 anos. Conhecida como Polly. Filha de Dona Lúcia. Divide a parede de casa com o Bar da Lúcia. Hoje é quem administra o bar ao lado de Natan, seu irmão. Se Natan é responsável pela parte musical, Polly é responsável pela parte da cozinha.

André Julião

46 anos. Sanfoneiro. Quando não está dividindo os palcos com o cantor Alceu Valença, é presença confirmada no Bar da Lúcia. Engajado politicamente, Julião já foi candidato a vereador em Caruaru.

Neco do Coco

Seu Neco é compositor e intérprete de samba de coco, mazurca e baião. Amigo de longa data de J Lima, com várias composições juntos e histórico de apresentações na Rádio Cultura.

Romano Cantador

Seu Romano é frequentador assíduo do bar, pois reside no mesmo bairro. É compositor e intérprete de forró, xote, baião e chorinho. Seu carisma é contagiante, gosta muito de conversar e contar histórias.

Seu Biró

Dono do mercadinho ao lado do bar. Se orgulha da sua sanfona que foi presente de Luiz Gonzaga. Além de sanfoneiro, é também cantor e compositor.

Edilene do Forró

60 anos. Defensora do forró tradicional, Edilene se orgulha dos seus 40 anos enquanto cantora e intérprete em um espaço majoritariamente masculino.

Basto, Zé Gago e Toin

Filhos do fundador da Banda de Pífanos Zé do Estado. Basto é zabumbeiro, Zé Gago toca pratos e Mestre Toin toca pandeiro. Resistem até hoje com a banda tradicional com

nova geração de pifeiros. São amigos de longa data da família de Dona Lúcia.

Hérton Cavalcanti

Filho do radialista, escritor e agitador cultural Lúcio Cavalcanti que fez história em Caruaru por parcerias de composições como “Caruara, Caruaru”, junto com o lendário Sebastião Bianco. Hérton tenta manter vivo o legado de seu pai. Hoje apresenta o programa de sábado de manhã na Rádio Cultura com forró pé de serra ao vivo (depois da rádio, o forró é no Bar da Lúcia) e também integra a Fundação de Cultura e Turismo de Caruaru. Também ajudou a organizar a Sopa Cultural, contribuindo para a grandeza do evento.

Danielle Soares

27 anos. Dani mora em um prédio vizinho ao bar. Foi assim que começou o contato direto e a paixão pelo forró e pelos “vein” como ela chama os frequentadores do Bar da Lúcia. Hoje, Dani auxilia nas redes sociais e está aprendendo a tocar pandeiro e zabumba.

Estrutura do Roteiro

SEQUÊNCIA 1 - EXT./ CIDADE DE CARUARU / NOITE

Caruaru. 24 de junho. Dia de São João. O Polo Mestre Camarão, localizado no Pátio do Forró, está lotado de pessoas dançando. Na Estação Ferroviária, a movimentação é intensa. Bandas de pífano dividem espaço com os trios de forró e as duplas de repente, além das apresentações das quadrilhas. Um trio de forró executa a música *Capital do Forró de Jorge de Altinho*.

SEQUÊNCIA 2 - EXT./ CIDADE DE CARUARU/ DIA E NOITE

Fade out. Sonora do Pátio do Forró no último dia de junho indica o fim do período junino. A música para de tocar. A estrutura da festa é desmontada na Estação Ferroviária e no Pátio do Forró. A Estação encontra-se completamente vazia e sem vestígios do São João. Vozes em off sobrepostas: *onde tem forró? Visse o forró?*

SEQUÊNCIA 3 - EXT./ CIDADE DE CARUARU/ DIA

Créditos iniciais. Acompanhamos o trajeto de uma bicicleta pelas ruas de Caruaru. O percurso segue desde a antiga Rua da Matriz, passando pela Catedral, pelo Beco da Pepita de Ouro desviando da grande movimentação de pedestres e vendedores. Chegamos ao Marco Zero, seguimos pela Praça do Rosário até chegar à Rua Alferes Jorge, rua em que está localizado o Bar da Lúcia.

O bar tem a fachada dividida com as cores amarela e laranja. De um lado vemos o nome da marca Pitú; do outro lado está o nome: Bar da Lúcia e da Cultura Popular.

Ouvimos o som do aquecimento dos instrumentos: o fole da sanfona, o metal do triângulo, o baião da zabumba, o partido alto no pandeiro. O som do aquecimento é um contraste com o silêncio da rua, com poucos barulhos de carro no comércio da cidade. Caruaru finalmente descansa no sábado a tarde.

Sobreposição com o título do filme: *RETRATO DE UM FORRÓ*.

SEQUÊNCIA 4 - INT./ BAR DA LÚCIA/ DIA

Dentro do bar temos Seu Antônio Zabumbeiro, Maestro Zui na Sanfona, Romano Cantador na pandeirola, Dani no pandeiro e Natan cantando. Começa o forró no Bar da Lúcia. Ouvimos a música *Vem pro bar de dona Lúcia, composição de Maestro Zui*.

SEQUÊNCIA 5 - INT./ CASA DE DONA LÚCIA / DIA

A música para de tocar. Vemos a casa de Dona Lúcia que fica na rua de lado do bar, no quarteirão que antes da urbanização de Caruaru pertencia à família. A casa é branca, com meio muro e um portão de engradado branco em contraste com a casa do lado, de sua filha Pollyanna que tem um muro chamativo metade vermelho e metade amarelo. Ainda na frente da casa branca, escutamos a voz de uma pessoa chamando por Dona Lúcia, é a equipe do filme. O portão está aberto. Entramos na casa. Atenciosamente ela oferece um cafezinho, dá risada, abaixa o volume da TV e pede que todos se acomodem enquanto nos preparamos para filmar. Dona Lúcia conta a história do bar:

LÚCIA

Quando eu era pequena minha mãe botou esse apelido e ficou Lúcia, Lúcia, Lúcia. Mas meu nome na certidão é Marluce de Lima Dias. Nasci e me criei aqui mesmo. Aqui era uma mata

virgem. (...) Antes eu trabalhava fazendo unha aqui em casa. Aí os meninos foram nascendo e tivemos a ideia de abrir uma barraquinha de cachorro quente pra tirar um dinheiro. Aí depois a turma que comia cachorro-quente lá disse "ô Lúcia, bota uma cervejinha aqui pra gente beber" e eu digo "mas rapaz, misturar cachorro-quente com bebida?" aí depois eu disse "sabe de uma coisa? eu vou é botar". Aí coloquei cerveja, cachaça, whisky, tudo aí pronto. Fiz uma reforma e em 1997 resolvemos fazer da garagem de casa o bar.

SEQUÊNCIA 6 - EXT./ BAR DA LÚCIA / DIA

José Lima, 70 anos, irmão de Lúcia, conta a história da relação da família com a música e com o forró sentado em uma cadeira na frente do bar.

J LIMA

Eu participava de um trio de forró, tocava na rádio cultura... O forró em Caruaru sempre foi forte. As festas de rua antigamente tinha bastante. O São João não era festejado dessa maneira que é hoje. O São João era festejado de casa em casa. Cada família festejava a sua maneira. Fazia coco de roda, fazia embolada, tirava improviso, inventava canções, cantigas. Era um São João mais informalizado. Caruaru tinha uma época que era os palhoções. Aí a festa comia solta nos bairros. Tinha as fogueiras maravilhosas. Era festa de bairro. Os artistas subiam no coreto e iam cantar música de Luiz Gonzaga, Azulão era um deles.

SEQUÊNCIA 7 - INT./ CASA DE DONA LÚCIA / DIA

Natan Lima, 33 anos, está mexendo em sua coleção de discos de vinil. Músico e filho mais novo de Dona Lúcia, Natan explica brevemente a origem do gênero forró:

NATAN

O forró era sinônimo de festa né? Festa com muita dança, muita confusão. Aqui antigamente era cheio. Inclusive a primeira música que Luiz Gonzaga canta falando de Caruaru é justamente sobre uma festa que terminou em confusão aqui na cidade que é uma resposta a outra música de Jackson do Pandeiro que é justamente Forró em Caruaru. Luiz Gonzaga adorava vir pra cá. Só que o ritmo forró surgiu como uma junção dos ritmos tocados na festa que era coco, xaxado, baião... Os ritmos nordestinos mesmo.

SEQUÊNCIA 8 - INT./ BAR DA LÚCIA / DIA

Caruaru é a capital do forró?

NATAN

Só que em 1980 quem deu esse nome foi Jorge de Altinho com Lindolfo Barbosa do Trio Nordestino no disco Corte o Bolo com a música Capital do Forró.

J LIMA

Nos anos 80 eram os trinta dias de junho o São João realmente. Hoje em dia não é mais né? É diferente. Mas era do mesmo jeito que é descrito na música do Trio Nordestino os trinta dias.

NATAN

O que a gente tenta aqui no bar é manter essa tradição do forró em Caruaru. Porque hoje em dia o que vende é o forró

*estilizado né? É o que tá no palco principal do São João e
fora do São João também.
É capital do forró? É. Mas só no São João... Forró só aqui
no bar né?*

SEQUÊNCIA 9 - INT./ CASA DE POLLYANNA/ DIA

Pollyanna Lima é filha de Dona Lúcia. Com 36 anos, é ela que administra o bar hoje juntamente com Natan, irmão mais novo dela. Em sua casa, que divide parede com o bar, Polly fala sobre a sua rotina de trabalho.

POLLYANNA

Eu assumi a administração do bar porque mãe já tá velha, teve um tempo que ficou doente e entregou em minhas mãos o bar pra eu cuidar. Eu e Natan né? Mas Natan teve um tempo que também não conseguia cuidar. Mas foi ele que trouxe pro bar essa rotina do forró.

NATAN

Eu comecei a escutar forró desde os seis anos, né? Luiz Gonzaga né? Porque pai sempre escutou Luiz Gonzaga, Trio Nordestino. E Zé, meu tio, J Lima, canta na rádio, né? E eu sempre escutei ele na rádio... Ele começou a tocar na rádio tem uns 30 anos e eu só comecei a seguir ele desde 2000.

Mas só que forró mesmo desde os seis. (- Tocando?) Escutando. Só que eu pegava uma caixa de papelão e ficava tocando parecendo uma sanfona. A primeira sanfona eu comprei em 2002. Eu estou com 33 anos. Eu tive um período de depressão e a música fez dar a volta por cima. Música né? Forró. Depressão foi embora. É porque eu sou muito tímido né? Mas é bom.

O forró começou aqui no bar acho que foi a mais ou menos doze anos. O bar é de 1996, vai completar 24 anos. Mas só

tem 12 anos que faz forró todo sábado. Mas antes a gente fazia todo dia e agora voltou a fazer todo dia de novo. Mas o forte é no sábado né.

POLLYANA

Todo sábado mãe deixa uma panela de feijoada pronta, dobradinha, o bar fica cheio de músico pra tocar forró. Não tem cachê, nem nada. Eles vêm porque querem. E é uma disputa de sanfoneiro, de microfone, nossa!

SEQUÊNCIA 10 - EXT./ BAR DA LÚCIA / DIA

É dia de sábado no Bar da Lúcia. Os portões são abertos às 11h00 da manhã. Natan faz os últimos preparativos para o som funcionar sem atraso, organizando os cabos e a mesa de som. Seu Biró, dono do mercadinho ao lado já está a postos no mini palco com a sua sanfona. Os caldeirões de feijoada e dobradinha estão borbulhando no fogão na cozinha do bar. O primeiro cliente já anuncia o começo de uma tarde animada enquanto Polly serve uma cerveja gelada saindo do freezer cheio.

O Bar da Lúcia é conhecido pelas personalidades carimbadas que todo sábado marcam presença. Essa parte do filme é para conhecer um pouco dessas pessoas, mestres, artistas, pessoas jovens ou mais velhas, admiradores do forró para entender o que os motiva de frequentar o espaço.

SEQUÊNCIA 11 - INT./ DENTRO DO ÔNIBUS/ NOITE

Primeira segunda-feira do mês de outubro de 2019. Pré-pandemia. Músicos, amigos e clientes do bar festejam em um ônibus com destino a casa de Biu do Pife, em Sapucarana, na

cidade de Bezerros, agreste pernambucano. A alegria no ônibus antecipa a celebração da Sopa Cultural, organizado por Dona Lúcia, o evento tem por objetivo homenagear artistas populares em vida e resgatar as festas rurais como eram antigamente. Ouvimos as pessoas cantando a música *Meu Cenário de Petrúcio Amorim*. O ônibus está lotado de pessoas, sentadas e em pé, elas se divertem enquanto cantam e dançam forró. A música continua. Da janela, na escuridão da noite, vemos a paisagem em movimento.

Dentro do ônibus a festa continua. Ouvimos a brincadeira dos que pedem que a luz seja apagada novamente. Sentada em uma das cadeiras, Dona Lúcia conversa com alguém da cadeira ao lado. No improviso, as pessoas emendam uma música atrás da outra, ouvimos o grupo cantar *Caruara Caruaru de Lídio Cavalcanti*. Os mais velhos estão sentados nas cadeiras. Em seguida *A vida de viajante de Luiz Gonzaga* é entoada com vigor.

Olhando em direção a câmera, Dona Lúcia sorri e manda beijos. No mesmo instante as pessoas começam a cantar *A Feira de Caruaru de Onildo Almeida*, nesse momento, Dona Lúcia se concentra em cantar com convicção o clássico eternizado por Luiz Gonzaga.

SEQUÊNCIA 12 - EXT./ SÍTIO SAPUCARANA/ NOITE

O ônibus finalmente chega a Sapucarana. Pessoas acenam para a câmera, outras circulam pela rua escura. A fogueira acesa ilumina a noite. Enquanto as pessoas descem do ônibus, ouvimos de longe o forró.

Em cima de um caminhão, do jeito que Gonzagão gostava de se apresentar, vemos Natan Lima no microfone, André Julião na

sanfona, Mozart Vieira na flauta, Basto na zabumba, Zé Gago nos pratos, Junior Franceis na caixa, Seu Toin no pandeiro, apresentando *O tempo e o vento de Alceu Valença*. O público animado não para de dançar. Natan é o regente da festa, ele se movimenta, gesticula com as mãos enquanto canta e encerra a música com duas palmas e um sinal para a banda parar. Natan cumprimenta o público com um caloroso "Boa noite".

Entrevista com explicação sobre o que é a Sopa Cultural. A Sopa Cultural é um projeto idealizado pela família do Bar da Lúcia com o objetivo de homenagear os artistas de Caruaru e região enquanto estão vivos. A festa é feita na casa do homenageado com muito forró e um panelão de sopa feito por Dona Lúcia e distribuído para todos. A comunidade toda participa desde a doação de verduras para a preparação da sopa até a doação do pão para acompanhar até o patrocínio do ônibus quando a edição é em outra cidade.

SEQUÊNCIA 13 - EXT./INT. - BAR DA LÚCIA - DIA

Voltamos para o bar. As paredes que antes eram repletas de memórias em retratos de clientes especiais hoje são brancas. Foi uma reforma e quase dois anos sem forró por conta de um vírus desgraçado. Finalizamos o filme agradecendo Dona Lúcia e sua família pelo espaço tão rico em alegria, afetividade e calor humano, coisa que fez muita falta durante esse período sombrio dentro de casa.

O filme se encerra com a reinauguração do Bar da Lúcia pós-Covid e com a entrega do cartaz do filme para Dona Lúcia.